

1

OS PRÉ-SOCRÁTICOS

A filosofia grega teve início em 28 de maio de 585 a.C., às 18h13.
O que é filosofia?

Por trás desta afirmação meio séria e meio jocosa, espreitam diversos problemas intrincados que requerem alguns comentários introdutórios. Geralmente o aluno iniciante pergunta: O que é filosofia? É verdadeiro que nada havia antes de 585 a.C.? E por que misteriosa razão tudo começou precisamente às 18h13?

As duas primeiras questões estão intimamente relacionadas. Certamente algo que não existia previamente ficou em evidência depois de 585 a.C.; contudo, se esse algo era ou não filosofia é uma questão de definição. A opinião popular geralmente conecta a palavra “filosofia” com uma maneira de viver. A frase com a qual as pessoas quase sempre se defrontam é “filosofia de vida”. Normalmente a expressão significaria qualquer coisa, desde a vida habitual e sem maiores pensamentos de indivíduos menos inteligentes, passando pelos princípios deliberadamente assumidos por homens de negócios, até a convicção daqueles que resolutamente tornam as costas para os interesses deste mundo, retirando-se para os mosteiros ou ganhando a reputação de *gurus* pela prática de ioga. Nesse sentido, Salomão e Abraão tiveram uma filosofia – não era algo novo no ano 585 a.C.

Procurando lembrar-se de outros sentidos e conceitos que ocorrem na literatura, alguém poderá pensar sobre a pedra filosofal, alquimia, mágica e segredos da natureza. Filósofos são reputados como pessoas de grande saber. Eles conhecem muita coisa. Contudo, aqueles que conhecem bastante sobre plantas, são chamados de botânicos e não de filósofos. Físicos também conhecem muita coisa. Portanto, o conhecimento que caracteriza o filósofo deve se referir a outros assuntos além de botânica, química ou ciência política. Porém, se alguém separar cada aspecto do conhecimento, o que restará para a filosofia? A geologia é o estudo das rochas. A teologia estuda Deus. Que objeto, então, sobra para a filosofia? Seria a filosofia, o conhecimento de nada? Uma vez que esse pensamento parece desrespeitoso, se poderia dizer que a filosofia é o conhecimento de tudo?

Não, ainda não; alguma coisa ainda parece errada. Até mesmo, na Grécia antiga, quando ainda não havia tanta coisa para saber como há agora, é improvável que alguém conhecesse todas as coisas. Certamente ninguém conhece tudo, agora, e, mesmo assim, existem filósofos. Pelo menos, há pessoas que escrevem livros sobre filosofia. Assim, como é que fica?

Talvez, a definição menos distante seja a de que filosofia é o que este livro discute. Inclui geologia, astronomia, química e teologia. Em certo sentido, o objeto da filosofia é, de fato, a totalidade das coisas. Isso inclui também uma filosofia de vida. Entretanto, um filósofo não tem de saber todos os detalhes de cada coisa. Antes, ele estuda os princípios gerais e relaciona cada ciência específica uma às outras. Não é de se esperar que, alguém que conheça tudo sobre plantas, saiba como a botânica afeta a ciência política; o químico não está interessado na relação da química com a linguística; um bom psicólogo não precisa ser perito em economia. Não obstante, todas essas ciências estão relacionadas de alguma maneira com cada uma das demais. Assim, temos, aqui, uma forma preliminar para descrever a filosofia.

Outra maneira de ver a filosofia vem de Aristóteles. Um dos maiores filósofos de todos os tempos, Aristóteles discutiu sobre lógica, física, psicologia, biologia, ética e política – e tinha também um livro sobre *Filosofia Primeira*. Cada ciência particular trata de certos objetos ou seres e ignora outros; isto é, cada ciência específica estuda o ser como este é qualificado de formas particulares. Mas a *Primeira Filosofia* estuda o ser como tal – de maneira não qualificada – como simples ser. Os editores de Aristóteles, mais tarde, mudaram o nome para *Metafísica*. Se definida tal como discutida neste livro, a filosofia incluirá tanto a metafísica quanto a astronomia, a psicologia, etc.

Outra questão introdutória é esta: se a filosofia tem continuado, desde 585 a.C. até o presente, por que não se parte da filosofia tal como é agora, ao invés de utilizar tempo com teorias antiquadas? Por que alguém deveria estudar história da filosofia, em vez de estudar a própria filosofia? Se o objeto da filosofia diz respeito a inter-relações entre as várias ciências, por que não estudar suas relações, como elas se apresentam hoje, em vez de como costumavam ser há dois mil anos? A resposta é que o estudo da história da filosofia não é uma perda de tempo. De um ponto de vista cultural, paralelo à sua utilidade para o estudante de filosofia, há o fato de que uma visão geral de Platão e de Aristóteles é algo prazeroso. De um ponto de vista pedagógico, a história da filosofia habilita o estudante a considerar os problemas em suas formas mais simples. Tais problemas têm se tornado, em tempos modernos, complexos demais para as *primeiras* lições. Embora os alunos de escolas de ensino fundamental e médio não atentem para isso, eles aprendem matemática no contexto do seu desenvolvimento histórico. A aritmética e geometria foram as primeiras partes da matemática a serem trabalhadas. Foram matérias desenvolvidas por filósofos gregos. Geometria analítica e cálculo surgiram no

século 17. Muitos estudantes de faculdade não chegam a conhecer a matemática moderna; e, aqueles que a conhecem, não teriam aprendido suas complexidades sem primeiro terem estudado coisas que os gregos descobriram cinco séculos antes de Cristo. Além disso, tal como aritmética e geometria são assuntos bem atuais, a despeito de sua origem grega antiga, os problemas da filosofia, quer em sua forma moderna extremamente complexa, quer revestida da simplicidade grega, tratam das mesmas questões. Dizer que o estudo da filosofia deveria ter preferência em relação ao estudo da história da filosofia é uma falsa disjunção. A história da filosofia é filosofia.

OS MILESIANOS

O que é, então, que veio a existir depois de 585 a.C., mas não existia antes, e que teve sua origem exatamente neste ridículo horário das 18h13? Nesse dia e hora ocorreu um eclipse solar. Certamente eclipses solares já ocorriam havia algum tempo, mas a nova característica é que este foi predito por Tales, um astrônomo de Mileto, na Jônia. Registros de fenômenos celestes haviam sido compilados ao longo de séculos por sábios do Oriente Médio, mas, agora, pela primeira vez, Tales discerniu uma regularidade em tais ocorrências, e formulou uma lei e testou sua formulação por meio de uma predição bem-sucedida.² Com outras especulações de Tales isto é chamado de filosofia, e não existia previamente.

Unidade e multiplicidade

Muito tempo depois, na era de Johannes Kepler, por exemplo, a formulação de uma lei astronômica teria sido considerada como um triunfo da astronomia, mas dificilmente teria sido chamada de filosofia. Uma das razões para isso é que a filosofia foi quem deu à luz as ciências particulares. Quando alcançaram maturidade, tornaram-se especializadas, cheias de detalhes, as ciências especiais deixaram a casa parental e construíram casas próprias. No tempo de Tales, entretanto, não havia ciências particulares e, ele teve a sorte de iniciar a ambas, tanto a ciência quanto a filosofia.

A própria lei, por meio da qual podem ser preditos os eclipses solares, é um exemplo de ambas. Enquanto diretamente aplicada ao Sol, à Lua e à Terra, configura indubitavelmente astronomia; não obstante, mais fundamentalmente, é uma lei que tem instância universal. Esta é a característica que confere à data a importância de maior evento da era. Os sábios do Oriente Médio coletaram uma profusão de informações astronômicas, mas jamais reduziram os itens desconectados a uma forma unitária ordenada. A filosofia começa com a redução da multiplicidade, à unidade.

As ciências também reduzem suas multiplicidades, à unidade. Kepler tinha dados sobre a posição de todos os planetas, em tempos diferentes. Seu gênio

consistiu em reorganizar essa massa de detalhes de maneira que emergisse uma uniformidade. Ele demonstrou que todos os planetas se moviam da mesma maneira – descrevendo elipses cujos raios vetores varriam áreas iguais em tempos iguais. Esta é uma unificação da multiplicidade. Se o objeto está suficientemente destacado, é chamado de ciência; se é muito geral em comparação com o estado do conhecimento da época, é chamado de filosofia. Portanto, Tales foi o iniciador de ambas.

Se Tales tivesse especulado apenas sobre eclipses, talvez a História o tivesse alistado somente como um astrônomo, ainda que a ideia da lei seja de grande importância. Mas Tales também tentou impor unidade à multiplicidade encontrada em todo o universo. Além do Sol, há os planetas e as estrelas; na Terra, há montanhas, mares e seres humanos; há tempestades, terremotos e estações; há vida, sensação e morte; e, ainda mais, há toda variedade de qualidades comuns, desde o gosto da azeitona até o alvorecer róseo raiado ou o peso do escudo de Aquiles. Multiplicidade, sem dúvida. Haveria alguma unidade nisto tudo?

A questão que pareceu tão óbvia, para Tales e seus sucessores mais próximos, foi: Como tal multiplicidade ordenada veio a ser? O mundo parece feito de uma infinita variedade de coisas – plantas, animais, nuvens e montanhas; mas, obviamente muitas dessas coisas são similares quanto à sua composição. Uma vez que os homens comem plantas e animais, o corpo humano deve conter os mesmos materiais dos quais as plantas são feitas. Plantas e animais, tal como os homens, bebem água; até mesmo, as madeiras das árvores contêm 98% de água. Quando a água ferve, o vapor é sentido como se fosse fogo; a faísca do raio que põe a árvore em chamas, deve ser do mesmo tipo que o fogo terrestre, que faz a água ferver. E, se nossos corpos são quentes, também devem conter fogo ou água quente. Seria possível que todas as coisas sejam feitas de uma única coisa elementar?

Na verdade, em princípio não parece assim. Mas suponha que o universo fosse composto de diversos elementos; talvez, 94. Nesse caso, haveria qualquer razão para ser exatamente 94? Por que não 61 ou 152? Não haveria uma razão? Se não houvesse uma razão, o universo seria desarrazoado, irracional e, nesse caso, impossível de ser entendido. Somente aquilo que é racional pode ser entendido – e entender é reduzir a multiplicidade à unidade. Eclipses são entendidos quando a lei é formulada, e a lei é a unidade encontrada em todas as instâncias. Conclui-se, portanto, que o universo deve ou, racionalmente, tem de ser feito de uma só coisa difusa.

O princípio de que a explanação reside na redução da multiplicidade à unidade e à noção de que o universo é composto de apenas um tipo de elemento são posições abrangentes, gerais e filosóficas. Porém, quando se trata da identificação do elemento material, é difícil de dizer, no século 20, se a disciplina é filosofia ou física especulativa. A antiga teoria dos 94 elementos costumava ser ensinada sob o nome de química; mas, com o advento da teoria quântica e a

partição do átomo, que nome se dará à suposição de que o universo não é composto de partículas materiais discretas, mas de energia ou campos de força?

Um bom nome à moda antiga é cosmologia. A moderna cosmologia é bem semelhante à visão de Tales, no sentido de que há uma única substância difusa da qual vieram todas as coisas, mas a identificação dessa substância é mais ingênua em Tales do que em nosso século sofisticado. Tales não selecionou energia ou eletricidade, acerca da qual ele nada sabia, mas, sim, a água.

Embora seja difícil, se não impossível, traçar uma linha entre a física especulativa e a filosofia, e ainda que a história da filosofia seja filosofia, a identificação de Tales, do mundo material com a água, é um item de informação física e histórica que alguém poderia considerar sem importância. Alguns educadores dão a impressão de que todos os fatos sejam sem importância. Eles depreciam a transmissão da informação, do professor para o aluno. O objetivo da educação não é aquisição de fatos por meio da doutrinação e imposição, mas o pensamento independente.

Ora, a habilidade para pensar é mais valiosa do que uma coleção de desajustados itens de informações históricas. Especialmente o estudo da filosofia deveria dar ao estudante, não apenas memorização, mas o exercício do pensamento. A melhor maneira para aprender filosofia é mediante o debate; argumentar com o professor, em sala de aula, e com os colegas, fora dela. Argumentar, argumentar seriamente, é filosofar. Contudo, permanece a questão se um estudante poderá pensar ou argumentar seriamente, tendo a mente vazia. Supondo que esteja claro que um leigo não poderá argumentar inteligentemente sobre a causa e a cura do câncer, não será menos claro que alguém, ignorante das disposições militares e dos recursos do inimigo, seja incapaz de argumentar seriamente sobre táticas e estratégias internacionais. Assim também, a maneira mais rápida de introduzir alguém no estudo da filosofia é a de municiá-lo com novos fatos. E é fato que Tales pensou haver descoberto o fato de que todas as coisas eram feitas de água.

Um princípio deve explicar

Conquanto o fato de que todas as coisas sejam feitas de água não seja mais importante do que o fato de que todas as coisas sejam feitas de energia, as razões e os motivos por trás dessas asserções não poderão ser desprezados. Tales estava tentando dar uma explicação abrangente para o universo. Qualquer que tenha sido o elemento escolhido, tal teria de ser uma plausível fonte de todas as forças mostradas no fenômeno natural. Poderia qualquer pessoa que tivesse sido sacudida em um bote pela fúria de uma tormenta no Mediterrâneo negar que o oceano é grande fonte de poder? E, se a água é um elemento subjacente a todas as coisas, até mesmo, à terra, na escavação de poços, sua movimentação tempestuosa subterrânea poderia ser causa de terremotos. E ainda, se o universo e todos os seus fenômenos são explicados com base em um elemento, o elemento original